

Autora best-seller do *The New York Times*



Jill Mansell

Quando você menos espera...

TUDO PODE
MUDAR



TUDO PODE
MUDAR

*Para Lizzie Neath, com extrema gratidão
pela doação incrivelmente generosa para ajudar
as vítimas do desastre de Grenfell Tower.*



Capítulo 1



O QUE PODERIA SER MAIS GLORIOSO do que se sentar a uma mesa na calçada de um café, em uma tarde ensolarada de junho, usando um chapéu novo maravilhoso e testemunhando um crime iminente?

Zillah Walsh ajustou a aba do fedora vermelho e se recostou na cadeira, observando com fascinação a cena que se desenrolava à sua frente. O garoto estava determinado a furtar a loja.

Que emocionante.

Era verdade que não tinha acontecido ainda, mas era óbvio que o clima era esse. Dava para ver pela linguagem corporal dele: a hesitação, o ar de casualidade fingida, os constantes olhares por cima do ombro esquerdo para o cliente idoso logo atrás.

Também estava bem evidente que ele não era o mais competente dos criminosos, visto que não tinha reparado que o dono da loja o observava através da vitrine.

Ah, pobre garoto.

O que ele estava fazendo era errado, óbvio que era, mas Zillah não pôde deixar de sentir pena. Ele estava com a mercadoria em mãos e fingia examiná-la enquanto a aproximava sorrateiramente do bolso do moletom.

Enquanto isso, o dono da loja tinha chegado mais perto da porta e estava se preparando para abordá-lo...

Ah, não, ela não podia deixar aquilo acontecer.

Zillah balançou o braço para atrair a atenção do garoto e gritou com sua voz mais potente:

– Querido, eu mudei de ideia! Pode comprar uns pra mim também? Vem aqui, você vai precisar de mais dinheiro.

Ela fez sinal para o garoto se aproximar e o viu notar, tardiamente, o dono da loja esperando para atacar.

O garoto colocou a mercadoria prestes a ser roubada de volta na estante e atravessou a rua estreita. Zillah tirou uma nota de cinco libras da bolsa.

– Compra um saco grande, volta e senta aqui comigo. Se ele perguntar, diz que sou sua avó.

O garoto fingiu inocência.

– E por que ele perguntaria?

– Não me venha com gracinhas. Acabei de livrar você de ser preso.

O garoto ergueu uma sobrancelha para ela com ar petulante.

– Tudo bem. Mas vou logo avisando que você é *bem* mais velha do que a minha avó.

Zillah sorriu quando ele se virou. Ela se perguntou brevemente se ele pegaria a nota de cinco e fugiria, mas não. Ele voltou ao mercado e estava escolhendo frutas na gôndola.

O dono lançou um olhar desconfiado na direção de Zillah e ela assentiu para ele de forma encantadora. Ah, sim, ser uma octogenária estilosa e articulada era bem útil às vezes.

– Aqui está.

De volta à mesa, o garoto entregou a ela um saco enorme de maçãs Pink Lady.

– Obrigada. Pode ficar com duas. E eu não sabia se você tomava café – disse Zillah quando ele botou o troco na mão dela –, então pedi um suco de laranja.

Ela apontou para a cadeira vazia.

– Sente-se.

– Por que você está fazendo isso? – perguntou ele, sentando-se.

– Sinceramente? Eu fiquei intrigada. Os adolescentes de hoje não preferem roubar latas de energético ou de sidra? Não é todo dia que a gente ouve falar de adolescentes roubando maçãs.

O garoto tinha o rosto fino, cabelo escuro espetado e olhos alertas. As roupas eram baratas e estavam meio puídas.

– Eu gosto de maçã. A gente não tem em casa.
– Eu também gosto. Mas não vale a pena gastar seu réu primário com isso, não acha? – disse Zillah.

– Pensei que ninguém fosse se importar. Seria problema demais por uma coisa tão pequena.

– Talvez, mas não dá para certeza. Quantos anos você tem?

Quando o suco de laranja chegou, o acompanhante de Zillah tomou vários goles sedentos.

– Obrigado. Dezesseis. E você?

– Tenho 83.

– Nossa, que velha! Mas você está ótima. Para a sua idade, é claro.

– Obrigada – respondeu Zillah, séria. – Eu me esforço.

– Você parece... rica – disse ele de forma direta.

– Eu uso maquiagem. Compro roupas boas. Prefiro as coloridas às sem graça.

Ela indicou o casaco de seda azul-pavão, as contas vívidas em volta do pescoço, em seguida inclinou a cabeça e bateu na aba do chapéu vermelho.

– E também gosto muito de chapéus.

O garoto abriu um sorriso que iluminou seu rosto todo.

– Quer saber? Você não é *nada* parecida com a minha avó.

O nome dele era Ben, Zillah descobriu, e ele estava matando aula. Mas não importava, porque era uma aula de cidadania, que era chata e não servia para nada.

– Como você sabe que não serve para nada se não está lá para ouvir? – perguntou Zillah.

– Isso é bem o tipo de coisa que os professores dizem. Acontece que eu já fui vezes suficientes para saber que é chato.

Ben apontou para a mão esquerda dela, cuja parte de trás estava coberta por um curativo grande.

– O que houve aí?

– Estive no hospital hoje de manhã. Fiz uma microcirurgia.

– De quê?

– Remoção de tatuagem – disse ela, tomando um gole de café.

– *Sério?* – perguntou ele, e pareceu decepcionado quando a ficha caiu. – Ah, você está brincando. O que aconteceu de verdade?

– Um cisto sinovial.

– Isso é câncer?

Ela fez que não.

– Não, não é nada de ruim. Só drenaram fluido.

– Ah, que bom – disse Ben. – Mas o que você teria feito se fosse câncer? Sempre penso em coisas assim, você não? Você escreveria uma lista de coisas a fazer antes de morrer?

Zillah soltou uma gargalhada e colocou a xícara na mesa.

– Como é?

– Ah, fala sério, você já deve ter ouvido falar nisso. As pessoas fazem isso quando descobrem que vão morrer. Um primo meu mora em Swindon e o vizinho dele teve câncer. Ele fez uma lista de coisas que queria fazer e chegou até a andar de balão, o que foi bem legal, mas morreu antes de terminar a lista. Tipo, ele queria conhecer o Mick Jagger, mas não rolou. Todo mundo estava arrecadando dinheiro pra ele ir ver os Rolling Stones tocando, mas o dinheiro acabou sendo usado para pagar o enterro.

– Ah, sim, já ouvi falar dessas listas – disse Zillah, assentindo porque ele ainda estava olhando para ela intrigado.

– Se você descobrir que vai morrer, precisa fazer uma.

– Querido, eu tenho 83 anos. Aconteça o que acontecer, não me restam muitos anos. Acho que gente da minha idade não faz esse tipo de coisa.

Ben balançou a cabeça.

– Deve ser esquisito ser tão velha.

Zillah estava se divertindo imensamente, mais ainda porque o dono do mercado continuava olhando para eles, tentando entender se eram mesmo parentes.

– A gente se acostuma. Me conta, o que você colocaria na sua lista?

– Boa pergunta – disse ele, apontando para ela com entusiasmo. – O que eu colocaria? Bem, acho que uma noite com a Miley Cyrus. Sabe quem é?

– Cantora. Não usa muitas roupas. Famosa por rebolar. É essa?

– Ela mesma. E eu também nadaria com golfinhos. E com certeza ia querer ir à Disney. E teria um passe anual do zoológico.

– Do zoológico da Disney?

– Não, *daqui*.

Ben fez um gesto para trás e Zillah percebeu que o jovem apontava na direção do Zoológico de Bristol, que ficava cerca de um quilômetro atrás deles.

– Não me diga que você nunca foi lá – disse ele. – Nossa, é irado! O ingresso é bem caro, mas, se você pagar o passe anual, pode entrar quantas vezes quiser. Todos os dias, até.

Agora ele estava animado.

– Quais são seus animais favoritos lá? – perguntou Zillah.

– Ah, não me obriga a escolher. Quero trabalhar lá quando terminar a escola, ano que vem – explicou ele, com os olhos brilhando. – É o melhor lugar do mundo.

Quando terminaram as bebidas, Zillah pagou a conta e Ben disse:

– Ah, bem. Obrigado.

– O prazer foi meu. Você pode me fazer um favor para retribuir, se quiser.

Ele revirou os olhos de leve.

– O que é agora, hora do sermão? Chega de furtos?

– Você não precisa que eu diga isso, não é? Na verdade, eu queria saber se você pode me ajudar a carregar isto até o meu carro. A minha mão está doendo um pouco.

Ela indicou o curativo.

– E também porque eu sou muito, muito velha.

Zillah não era burra; ela sabia que havia uma pequena chance, quando se entregava seus pertences a um estranho, inclusive a bolsa, de ele sair correndo com tudo. Mas ela queria correr o risco, e isso significava torcer para que nada acontecesse.

Era uma caminhada colina acima passando pela Ponte Suspensa Clifton e atravessando o gramado largo que separava as lojas do hospital onde a microcirurgia daquela manhã tinha sido executada. Como sempre era um pesadelo parar o carro em Clifton, ela o havia deixado no estacionamento do hospital.

Quando chegaram lá, 15 minutos depois, Ben colocou as várias sacolas de compras no porta-malas e devolveu a ela a bolsa grande de couro.

– Obrigada – disse Zillah. – Estou muito grata.

– Carro legal – disse Ben, passando a mão de leve pela pintura azul-marinho do Mercedes.

– Eu sei. Posso te dar carona até em casa se você quiser.

Ele soltou uma gargalhada roncada.

– Você não sabe onde eu moro. Se tentar andar pela minha rua dirigindo essa coisa, vai ser sequestrada com certeza. Ou vão levar o carro e deixar você jogada na sarjeta.

– Bem, se você tem certeza...

Zillah abriu a bolsa e percebeu tardiamente que pagar a conta do café a deixara sem trocados. Ela balançou a cabeça.

– Ah, olha só, eu ia te dar um dinheirinho, mas não tenho mais nada. Desculpe.

A expressão de Ben se transformou; ele estava esperando uma gorjeta.

– Tudo bem – falou, tentando fingir indiferença. – Não tem importância.

– Aqui, escreve seu endereço para mim e eu envio pelo correio.

Ela encontrou uma caneta e uma nota fiscal velha no fundo da bolsa. Ben hesitou por um segundo, mas fez o que ela pediu. Ao devolver a caneta e o papel para ela, falou:

– Mas não precisa.

– Se eu enviar, vai chegar até você?

– Duas libras em um envelope? – falou ele, dando de ombros. – Milagres acontecem, acho.

– Leve as maçãs também – disse ela, sorrindo ao entregá-las. – São suas.



Naquela noite, já em casa, em Bath, ela preencheu um envelope para Ben, enfiou uma nota de dez libras e acrescentou um bilhete curto dizendo: *Gostei muito de te conhecer!*

Uma hora mais tarde, depois de ter olhado o site do Zoológico de Bristol e comprado on-line o passe anual no nome dele, ela imprimiu o comprovante e o incluiu na correspondência.

Em seguida, selou o envelope, preparou um gim-tônica gelado e ergueu a taça em um brinde silencioso.

Ele usaria o passe anual?

Venderia para ganhar um dinheirinho fácil?

Quem poderia saber?

Bom, então um brinde a Ben, o ladrão de maçãs incompetente. Tim-tim!



Capítulo 2



ERAM 17H E AS LUZES DE NATAL estavam acesas, iluminando a movimentada rua comercial enquanto flocos de neve caíam de um céu preto como tinta. Pela janela do terceiro andar do prédio de estilo georgiano, Conor McCauley observou os agitados consumidores de Bath, a atmosfera festiva, e ouviu à distância Mariah Carey cantar tudo o que ela queria de Natal. Mais perto, dava para ouvir também as cordas de um violino. A música era familiar e assombrosamente melódica, e ele abriu a janela pesada para ouvir com mais clareza.

Ali estava o violinista, alto e de cabelo comprido, parado no meio da rua que tinha sido fechada ao tráfego naquela noite. Enquanto tocava, as dobras de seu casaco comprido estilo Sirius Black balançavam em torno da calça jeans. Havia um chapéu no chão na frente dele, contendo algumas moedas. Poucas pessoas paravam para ouvir, ocupadas demais e com frio demais, mas ele continuou mesmo assim, o arco subindo e descendo, perdido na beleza da música...

No momento seguinte, Conor olhou melhor, porque o violinista não estava mais sozinho. Uma garota tinha aparecido do nada e iniciara uma sequência de passos de balé que o deixaram sem ar. Ela usava um gorro branco com pompom, um casaco acolchoado, uma calça jeans e um cachecol comprido de tricô que balançava quando ela girava no ar, saltitando como uma gazela. Ela estava com tênis brancos simples, mas isso não a limitou. Conor viu o sorriso largo da garota quando ela ergueu os braços e rodopiou elegantemente mais uma vez em torno do violinista, como um

fogo fátuo, e executou um salto gracioso no ar, seguido de uma série deslumbrante de piruetas.

Em dois minutos, a apresentação havia chegado ao fim. Apesar da neve que caía, um grupo de cerca de trinta pessoas tinha parado para olhar. Aplaudiram com entusiasmo e jogaram dinheiro no chapéu do violinista. Ciente das moedas de libra no bolso de sua calça, Conor ficou tentado a jogá-las também, mas era melhor não; se acertasse alguém na cabeça, poderia acabar matando a pessoa na hora, o que não seria uma coisa boa de se ver.

Ainda hipnotizado pelo inesperado e pelo charme daquela cena espontânea, Conor observou a garota de gorro branco acenar brevemente com os dedos enluvados para o violinista antes de pegar a sacola de compras que tinha deixado no meio-fio e desaparecer na multidão de consumidores alheios ao show.

Por um momento, Conor só quis correr pela escada e ir atrás da garota. Queria dizer como a breve performance tinha sido maravilhosa e descobrir quem ela era e o que a tinha levado a fazer aquilo. Se estivessem em uma comédia romântica, seria amor à primeira vista; o encontro casual na rua em um dia de neve mudaria a vida deles para sempre e levaria a...

A porta atrás dele se abriu e uma mulher de meia-idade carregando uma câmera e uma tortinha natalina apareceu na sala.

– Me desculpe por fazer você esperar, querido. É que Arthur não conseguia lembrar onde tinha colocado! A memória dele já não é mais a mesma, coitado. Pelo menos ele ainda sabe consertar câmeras, não é? Mas aqui está, devidamente consertada. E ele mandou essa tortinha como forma de se desculpar pela demora.

Quando Conor pagou e foi embora da pequena oficina no terceiro andar do prédio, a garota de gorro branco com pompom tinha desaparecido havia tempo e o violinista de cabelo comprido também. Até a neve tinha parado de cair.

Era como em *A lenda dos beijos perdidos*, como se todo o cenário mágico que ele acabara de testemunhar nunca tivesse existido.

Absurdamente decepcionado, Conor fez a única coisa que pôde e deu uma mordida de consolo na tortinha.

Paciência.

CONHEÇA OS LIVROS DE JILL MANSELL

Desencontros à beira-mar

Onde mora o amor

Muito além do infinito

Tudo pode mudar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

